



A construção da imagem da prostituição e da moralidade em Porto Alegre pelo jornal A Gazetinha: Uma análise dos códigos sociais através da *Hipótese de Agendamento* (1895-1897)¹

Gisele Becker²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Resumo

Entre 1895 e 1897 o jornal A Gazetinha, publicado em Porto Alegre, constrói uma fala de que as famílias de bem encontravam dificuldades de transitar nas ruas da cidade, ocupadas por bêbados, vândalos e prostitutas. A proposta de análise pretende se debruçar não apenas sobre a fala do jornal em si, mas sobre a maneira como ele é trabalhado por meio da construção de códigos de agenciamento de poder das mensagens elaboradas. Somado a isso, percebe-se que a Gazetinha agendou a temática da prostituição e da moralidade. Trabalha-se com a hipótese de que a insistência de uma fala ritmada, empregando códigos e termos semelhantes e em diferentes espaços do jornal (textos, colunas, anúncios publicitários e caricaturas), caracterizando a possibilidade do *Agendamento* do tema, constrói códigos que contribuem para a elaboração de uma mentalidade coletiva a respeito da prostituição e da moralidade.

Palavras-chave

Agenciamento de poder; Prostituição; Moralidade; *Agenda-Setting*.

Corpo do trabalho

A cidade de Porto Alegre, a partir da segunda metade do século XIX, passa a sofrer transformações sociais e alterações em sua paisagem, acompanhando um movimento típico das maiores cidades brasileiras. É um período de desenvolvimento urbano, do descobrimento da vida noturna (com a instalação da iluminação pública), de uma intensificação da vida cultural, marcada pela frequência ao teatro, aos cafés, aos gabinetes de leitura e novas formas de sociabilidade.

Neste contexto, a imprensa porto-alegrense apresenta maior interesse sobre as questões sócio-culturais, abrindo espaço para crônicas de cotidiano, produções literárias de autores locais e para a movimentação urbana da cidade. Se em meados do século

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo

² Historiadora, Mestre em História do Brasil pela PUCRS e doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Docente dos cursos de História, Design de Moda e Gestão da Produção do Centro Universitário Feevale (Novo Hamburgo / RS) e da rede pública estadual em Porto Alegre. Endereço eletrônico: gisele@via-rs.net



XIX Porto Alegre ainda era considerada uma localidade pacata, já no momento de virada para o século XX as características da cidade começam a mudar. Não apenas o cenário político e econômico chamam a atenção da imprensa local, em função das adaptações e melhorias necessárias com a implantação da República no Brasil (e todas as suas implicações estruturais recorrentes), como as atitudes, hábitos e costumes da população frente às mudanças sofridas pouco tempo antes, se tornam alvo de colunistas. Exemplares de um jornalismo político partidário, a exemplo dos jornais A Reforma³ e A Federação⁴, convivem com publicações de caráter literário e com crônicas do cotidiano⁵.

É com estas características que surge em Porto Alegre o jornal *Gazetinha*, tendo como responsável Octaviano Manoel de Oliveira⁶. A publicação, de vida curta (maio de 1891 a março de 1900), sofre alterações ao longo de sua existência. Se de início pretendia noticiar os acontecimentos locais e abrir espaço para o desenvolvimento da literatura, aos poucos a crítica e a sátira dos costumes dos porto-alegrenses vão ocupando as páginas do jornal que, em certa medida, se torna caricato, ainda que por breve período, mas especialmente a partir de 1895, quando é lançado o primeiro número ilustrado:

Fosse porque o público já desse sinais de cansaço de semelhante gênero de leitura [do caráter até então apresentado pela *Gazetinha*], fosse porque o momento oferecesse aso a incursões mais atuais em terreno novo, Octaviano de Oliveira resolve dar outro rumo ao periódico e a ele imprime feição mais condizente com a época⁷.

Com as edições ilustradas, busca-se ampliar o raio de ação do jornal na cidade.

³ Lançado em 1869 e órgão do Partido Liberal.

⁴ Lançado em 1884 e órgão do Partido Republicano Rio-Grandense

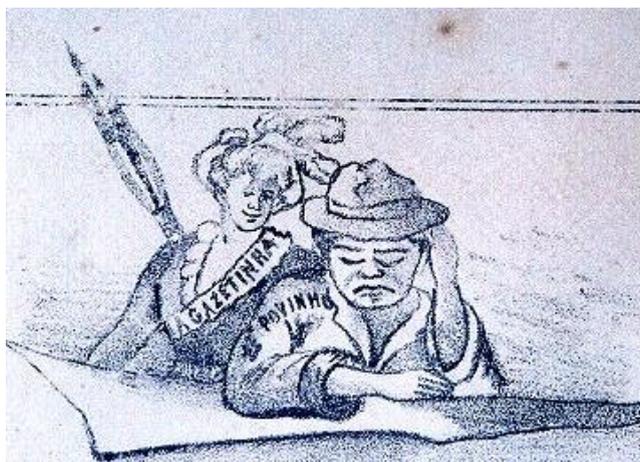
⁵ De acordo com Francisco Rüdiger, *os jornais não se preocuparam concretamente com a informação do público até o final do século XIX. O regime jornalístico dominante, que não pode ser compreendido fora das relações sociais vigentes, seguia as regras e finalidades ditadas pela racionalidade política. O novo jornalismo literário e noticioso procurou romper com essa situação, especializando-se na difusão de notícias e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário* (RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 2ed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1998, p.50.).

⁶ Eram também responsáveis pelo jornal: Alberto Engel, Francisco Xavier da Costa, Isaac Lima, João Belém, Rodolfo Saint-Clair, Fausto Villanova, Edmundo Carvalho, Djalma Selistre, João Martirena, Deoclécio Carvalho, Marques Leite, Aldano Gomes, Virgílio Duarte, Lúcio Lima, Octávio Dornelles, Juvenil Guimarães. (SILVA, Jandira M. da. & CLEMENTE, Elvo & BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986, p.195)

⁷ DAMASCENO, Athos. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Porto Alegre / Rio de Janeiro / São Paulo: Globo, 1962, p.139.

Bem recebida pelo público com a nova formatação, a Gazetinha passa a ser auto-identificada como um veículo que, além de ilustrado, estava sempre ao lado do Zé Povinho, como representa a imagem abaixo:

FIGURA 1 – A Gazetinha e o Zé Povinho



Fonte: **Gazetinha**, Porto Alegre, 29 de março de 1896.

Segundo Magalhães Júnior, as sátiras, onde se enquadram as charges da Gazetinha, são reflexos do próprio caráter do povo brasileiro: “representam formas de desabafo da alma popular contra injustiças sociais ou um meio de aliviar a pressão sob a qual vivemos nas horas de crise”⁸.

A partir de 1897 o jornal sofre novas alterações, não mais sendo publicado com as edições ilustradas, voltando-se a temáticas de cunho mais político, atacando constantemente o partido de Julio de Castilhos. A circulação do jornal, porém, aumenta: se antes a folha circulava às quintas-feiras e aos domingos, agora se tornava publicação diária. Entretanto, uma questão permanecia ser o centro das atenções da Gazetinha neste espaço de 2 anos: a preocupação com o avanço da imoralidade, a fraca segurança pública e a prostituição em Porto Alegre.

A abordagem de temas semelhantes ganha força em meados do ano de 1895 em função da utilização do material visual de que a publicação passa a dispor neste momento. Demonstra-se uma preocupação muito grande com as mudanças que a cidade vinha sofrendo: com o crescimento da cidade, modificam-se os comportamentos. Com o

⁸ R. MAGALHÃES JÚNIOR. **Antologia de humorismo e sátira**. Rio de Janeiro: Bloch, 1998, p.5.

incremento da vida noturna, proliferaram-se os bordéis na cidade, parte deles servindo de espaço de trabalho para mulheres negras em um período pós-abolição da escravatura (ocorrida em 1888). Ao mesmo tempo, surgem críticas negativas à limpeza urbana e a manutenção da ordem nas ruas. As temáticas passam a ser veiculadas de forma interligada: o problema social, de saúde pública e de segurança em que se constitui a prostituição, de acordo com a representação feita pela Gazetinha, a crítica do “vício”, a desordem nas ruas, a moral do cidadão porto-alegrense. São questões abordadas em textos de capa, colunas, charges e mesmo propagandas do jornal entre os anos de 1895 e 1897. Ainda que a Gazetinha se intitule como jornal sempre ao lado do *Zé Povinho*, muitas vezes critica conduta e atitudes deste...

Dadas as características da linha editorial da Gazetinha neste momento, é possível analisar seu conteúdo e o propósito deste através da hipótese de *Agenda-Setting*, onde a comunicação é considerada como um fluxo contínuo e existe a perspectiva de que os fatos estão encadeados. Haveria, portanto, uma relação entre os eventos noticiados pelos veículos de comunicação. Os acontecimentos não se esgotam em um espaço de 24h. Cabe ressaltar, aqui, que a preocupação com a moral não é exclusividade da Gazetinha neste momento. Outros jornais, como a Gazeta da Tarde, O Mercantil e A Federação abordam temáticas semelhantes no mesmo recorte temporal. As repercussões, por exemplo, em torno do bordel da crioula Fausta, ganharam as páginas de todos estes jornais. Pela hipótese da Agenda, considera-se que há uma hierarquia entre as mídias: os jornais pautam outras mídias. A mídia gráfica, onde de certa forma se enquadra a Gazetinha, apresenta relevância perante as demais.

A influência da mídia sobre o público receptor e a construção de uma realidade constituem impactos dos meios de comunicação através da hipótese da *Agenda-Setting*, constituindo efeitos a médio e longo prazos. A imagem da realidade é feita a partir dos meios de comunicação, que a criam ou mesmo provocam, criando imagens ⁹. Haveria uma realidade filtrada, que constrói estereótipos e preconceitos. Assim, é construído um discurso através dos jornais, fonte de pesquisa aqui em questão, assim como outras linguagens elaboram seus respectivos discursos. A Gazetinha, por sua vez, constrói uma imagem de uma Porto Alegre tomada pelo vício e pela

⁹ De acordo com Celsi Silvestrin, tal posicionamento da mídia é tomado *partindo da convicção de que a preocupação dos meios de comunicação não se reduz a simples veiculação de conteúdos, mas trata de produzi-los de tal forma, a manter ou não uma situação, garantindo sua continuidade e, tendo presente que o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder* (SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. Gênero nos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol. XXII, n° 1, jan/jun 1999, p.165.).



devassidão, repleta de perigos para as famílias “de bem”, por suas ruas sujas, mal-iluminadas, com o trânsito de elementos suspeitos. Para tornar a situação ainda pior, a guarda municipal é representada inatuante:

Ruas há nesta cidade em que não pode uma família transitar pacificamente, em face do estado de imoralidade que se nota nas mesmas ruas, já pela permanente convivência de homens de baixa esfera, que vivem em completos desacatos, já pela maneira inconveniente que se portam essas mulheres depravadas, entregues ao vício da embriaguez. Haja vistas a Rua General Paranhos, antigo Beco do Poço, que prima pela beleza d’arte em seus assombros. (...) Todavia, temos que reclamar das autoridades policiais, pois que a elas cumpre o rigoroso dever de zelar pela ordem e moralidade pública¹⁰.

A famigerada rua General Paranhos era considerado pelo jornal como o antro da desordem e da prostituição em Porto Alegre. Repetidas vezes, a *Gazetinha* abre espaço para denunciar os fatos ocorridos no local. É elaborado um espaço intitulado *Pela Imoralidade*, reservado para casos envolvendo prostitutas, mulheres embriagadas, homens devassos, que, de acordo com o jornal, seriam as figuras típicas do antigo Beco do Poço, atual Avenida Borges de Medeiros: “onde vamos parar com esta continuidade de fatos que o nosso pudor de povo repugna qualificar? Até onde pretendem chegar os desordeiros, até que limite revolucionário, agitando sempre a sociedade em que vivem?”

11

A série *Pela Imoralidade*, aos poucos, toma ares de campanha no jornal. Sempre denunciando a desordem nas ruas de Porto Alegre, em especial os focos de prostituição, bem como conclamando às autoridades locais que tomassem as devidas providências, a coluna constrói uma imagem de um jornal ao lado do povo, das *honradas* famílias porto-alegrenses, o que fica evidente no texto publicado no início de 1896:

Embora o nosso esforço em benefício da moralidade pública, isto é, a campanha que levamos travada contra a existência das espeluncas desta Capital tenha sido estéril, pois até hoje a autoridade competente não dignou-se considerar devidamente o quanto temos publicado nestas colunas a respeito daquele assunto, embora estejamos clamando no deserto, prosseguiremos mostrando

¹⁰ *Gazetinha*, Porto Alegre, 12 de janeiro de 1896, p.3.

¹¹ *Gazetinha*, Porto Alegre, 12 de janeiro de 1896, p.1.

à população honesta desta cidade a podridão do vício que aqui alastra-se cada vez mais, continuaremos a denunciar os covis, as espeluncas onde perdem-se para a vida honrada mulheres que se deixam vencer pelas cantilenas falsárias dos ‘D. Juans’ de todas as condições sociais ¹².

Entretanto, cabe salientar o papel ativo do receptor nos atuais estudos de comunicação. Assim, ainda que aspectos subjetivos sejam considerados na recepção dos dados veiculados, o campo de análise da hipótese de *Agenda* considera que os meios pautam o conteúdo da “agenda” do leitor, sugestionando sobre o quê o mesmo vai pensar (não impondo necessariamente um conteúdo), afetando, inclusive, os indivíduos que não possuem posicionamento sobre a temática em questão. Além da série de reportagens intituladas *Pela Imoralidade*, a Gazetinha possui uma coluna de publicação semanal chamada *Apanhados*, destinada aos “deslizes” cometidos pela população em sua vida cotidiana, escândalos sociais e denúncias. O alvo, aqui, são as atitudes do porto-alegrense em sociedade, em um policiamento do bom comportamento. Escrita com caráter de crônica o cotidiano por um jornalista de pseudônimo *Beija-Flor*, recebe, em alguns momentos, contribuições de leitores, ainda que seja necessário salientar que a população de Porto Alegre não é, em grande parte, letrada. Um telegrama recebido pelo colunista, buscando contribuir com o jornal, dá a amplitude do impacto da coluna:

- Viúva continua freqüência 42, procura marchante.¹³
- Mulher casada fingiu-se cansada, mandou marido comprar doces, enquanto amante passou e entregou-lhe bilhetinho... Mora Rua da Margem. Marido baixo, gordo, não sei nome, procurarei descobrir para informação. Ela, alta, bonita. D. Juan é guarda-livros, casa de negócio importante ¹⁴.

De acordo com a hipótese de *Agenda*, a imprensa pode até não controlar fortemente as atitudes, crenças e comportamentos do público receptor, mas traz para a sua atenção uma seleta agenda de tópicos para pensar a respeito.¹⁵ O leitor da coluna *Apanhados* que enviou o telegrama, não apenas parece ter colocado na sua agenda diária o tema abordado pelo colunista, como ainda buscou contribuir, dando-se ao trabalho de

¹² **Gazetinha**, Porto Alegre, 15 de março de 1896, p.1.

¹³ 42 era o n° do endereço do famoso bordel da crioula Fausta na rua General Paranhos. Fausta também era conhecida como o Pássaro Negro do Beco do Poço.

¹⁴ **Gazetinha**, Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1896, p.2.

¹⁵ LOWERY, S.A. & DE FLEUR, M.L. The Agenda-Setting function of press: telling us what to think about. In: **Milestones in mass communication research**. NY: Longman, 1993, p.327-328.



buscar informações para envio imediato e mesmo posterior, como deixa claro o final do telegrama. O caso não é exceção. Em diversos momentos, o colunista menciona as reações das pessoas ao lerem a respeito de si próprias ou a seus conhecidos nas linhas da coluna. Madames da alta sociedade revoltam-se ao terem seus comportamentos comentados ou com as insinuações feitas pelo Beija-Flor: “The press may not be successful much of the time in telling people what to think, but it is stunningly successful in telling its readers what to think about”¹⁶.

A percepção que temos da realidade é mediada por imagens trabalhadas pelos veículos de comunicação. Assim, um pressuposto básico da Agenda é o de que sofremos influência da mídia a médio e longo prazo,

não nos impondo determinados conceitos, mas incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda¹⁷.

A sociedade do século XIX moldou um estereótipo que ainda hoje percebemos com relação aos comportamentos femininos, sobre a prostituição, sobre a moral e a família. Certamente não se constitui em um olhar isolado da imprensa da época, uma vez que a contribuição da literatura para tal é grande. Entretanto, é possível pensarmos em veículos da época que pautam interesses do grupo de leitores, tais como a *Gazetinha*.

A possibilidade de agendamento em torno do tema é reforçada a partir do momento em que os anúncios publicitários da época parecem condizentes com a questão. A grande parte das prostitutas de Porto Alegre, à época, era formada por mulheres negras. São figuras que, aos olhos da sociedade, se tornam muito sensualizadas. Apesar do caráter negativo dado a estas mulheres nas páginas da *Gazetinha*, os anúncios se aproveitam desta imagem. A propaganda de um tônico estimulante chamado *Negrita* dá a dimensão desta construção, ao elaborar uma figura de uma mulher esteticamente fora dos padrões de bom comportamento:

¹⁶ LOWERY, S.A. & DE FLEUR, M.L. **Op. Cit** p.329.

¹⁷ HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n° 7, novembro de 1997, p.45.

FIGURA 2 – Anúncio Publicitário *Negrita*



Fonte: Gazetinha, Porto Alegre, 10 de novembro de 1895.

Os temas polêmicos são os capazes de receber agendamento, apresentando duração (presença nos veículos) variável: “Sensitive observers of the media and their audiences continued to feel that people were influenced in their beliefs and actions because of repeated exposure to the content of mass communication”¹⁸. A prostituição, por si só, constitui-se em tema polêmico e tomou grande espaço na *Gazetinha* a partir de 1895 até o início de 1897. A situação é agravada pelas constantes denúncias de que moças de família, viúvas e mães solteiras acabavam entregues ao vício e à devassidão, uma vez atraídas por mulheres de baixo nível da vida nas espeluncas. Em texto publicado em março de 1896, por exemplo, instala-se a polêmica a partir do momento em que fica sugerido que o problema da prostituição não é resolvido pela segurança pública uma vez que os próprios guardas tiram proveito das *delícias da vida mundana*:

Torna-se, pois, de muita necessidade que o ativo sub-intendente do 1º distrito ponha cobro àquelas reuniões prejudiciais na Rua General Paranhos, o que será de toda maneira utilíssimo,

¹⁸

LOWERY, S.A. & DE FLEUR, M.L. *Op. Cit.*, p.327.

evitando-se em 1º lugar que a imoralidade impere tão desbragada e publicamente e em segundo lugar vedando a que soldados ali abriguem-se e exibam-se depois ao lado das mulheres sem a mínima noção de respeito á sociedade e servindo de divertimento e instrumento das mesmas! O que é uma vergonha ¹⁹.

A polêmica em torno dos antros de prostituição, como foi dito, não era exclusividade da Gazetinha. Sandra Pesavento, em estudo sobre os excluídos na Porto Alegre do século XIX, comenta que a famosa e famigerada crioula Fausta era inclusive conhecida como *Ana do Bispo*, em função da freqüência do padre Hipólito ao seu estabelecimento, mencionando uma fala da *Gazeta da Tarde* de 18 de janeiro de 1896:

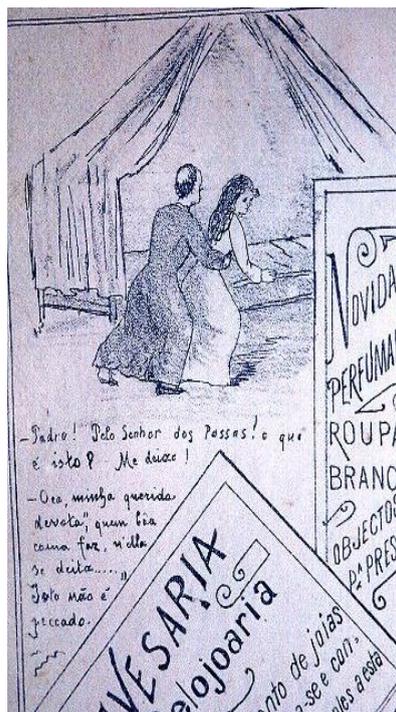
O padre Hipólito lá esteve com uma sujeita e tais coisas fez que houve um barulho de todos os diabos. O padre foi gatanhado por uma mulata, que gritava a pleno pulmão: - caloteiro, padre safado, eu hei de ir cobrar-me dentro da Igreja, canalha. Juntou muito povo naquela cena edificante ²⁰.

Casos semelhantes não pareciam raros, tais como o escândalo envolvendo um padre jesuíta que se envolvera na sacristia da Igreja do Carmo, em Porto Alegre. O ocorrido ganhou grande espaço na Gazetinha e foi alvo inclusive do humor das charges:

FIGURA 3 – Escândalo da sacristia

¹⁹ **Gazetinha**, Porto Alegre, 5 de março de 1896, p.3.

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos do final do século XIX**. São Paulo: Nacional, 2001. p.63.



“Padre! Pelo Senhor dos Passos! O que é isso! Me deixe!
Ora, minha querida devota, quem boa cama faz, nela se deita. Isto não é pecado!”

Fonte: **Gazetinha**, Porto Alegre, 10 de novembro de 1895, contracapa.

Outra charge de 1896 sugere que mesmo aqueles que denunciavam os escândalos sociais envolvendo a prostituição e a atividade dos prostíbulos, também seriam freqüentadores dos estabelecimentos, ao ficarem chocados com a possibilidade de fechamento dos bordéis:

FIGURA 4 – Moralistas e as espeluncas



“Um dos muitos moralistas – Oh! Pedir à autoridade que proibia uma espelunca! Que injustiça! Nunca! Nunca se viu tal barbaridade!”

Fonte: **Gazetinha**, 29 de março de 1896, contracapa.

Embora não se enquadre ainda na categoria de Jornalismo Informativo Moderno²¹, uma vez que esta marca a imprensa produzida no primeiro quartel do século XX, a *Gazetinha* já apresentava, ao final do século XIX, alguns elementos semelhantes. Se são características da mídia moderna o fluxo contínuo de notícias, onde considera-se a televisão o veículo através do qual as pessoas tomam conhecimento a respeito do que está acontecendo; o interesse da indústria de notícias por determinados assuntos, mais do que por outros; o fluxo constante de informações da imprensa para a audiência, que é provida por uma lista de tópicos e assuntos desenvolvidos que parecem importantes aos olhos da própria mídia,²² a *Gazetinha* já era caracterizada por este fluxo contínuo e o interesse por uma determinada gama de assuntos, em especial os que envolviam a moralidade pública no período em foco. Em 1897, o foco passa a ser o policiamento urbano, temática que já vinha sendo relacionada com a da prostituição. Ambas, em seu processo de “campanha”, sempre mereceram a primeira página:

²¹ categoria estabelecida por Francisco Rüdiger em *Tendências do Jornalismo (Op. Cit.)* A *Gazetinha* enquadra-se na condição de Jornalismo Literário Independente.

²² LOWERY, S.A. & DE FLEUR, M.L. *Op. Cit.*, p.327-328



A major story for newspaper was defined as any that appeared on the front page or any that appeared under a three-column headline in which at least a third of the story was devoted to political news²³.

Em 1897, a Gazetinha considera que sua missão de primar pela civilização de bons costumes em Porto Alegre fora reconhecida pelas autoridades. Uma vez que sempre alinhavara o problema da prostituição com a questão da saúde e da segurança pública, a notícia da organização de um novo corpo de polícia na cidade preenche o jornal de orgulho. Em janeiro de 1897, o jornal noticia na capa:

MUITO BEM! Finalmente, após uma campanha tenaz contra a longanimidade policial quanto à permanência fixa de mulheres de costumes reprováveis em pequenos hotéis e bodegas do centro da cidade, podemos contar vitória.

Finalmente, a coisa moralizadora de que muito somos os únicos arautos na imprensa porto-alegrense, acaba de ser tomada em consideração, séria e profícua, pela polícia.

Afinal, está proibido aquele desrespeito à moral, contra o qual batemos resolutos e escudados na crença firme de que assim prestamos um valioso serviço à sociedade decente²⁴.

A partir deste momento, o foco do jornal passa a ser a atenção à ação do policiamento urbano, constituindo-se em uma nova temática a fazer parte da agenda do leitor. Ainda que a preocupação com a moralidade porto-alegrense ainda seja presente, a pauta constante passa a ser a polícia. Se antes a frequência de textos com o título *Pela Imoralidade é grande*, indicando uma série de reportagens que enfatizam sempre o mesmo assunto, a partir de 1897 surge uma nova série, com o título *Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura...* indícios de uma possível nova iniciativa de agendamento pela Gazetinha.

Referências bibliográficas

DAMASCENO, Athos. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Porto Alegre / Rio de Janeiro / São Paulo: Globo, 1962.

²³ LOWERY, S.A. & DE FLEUR, M.L **Op. Cit** p.331.

²⁴ **Gazetinha**, Porto Alegre, 28 de janeiro de 1897, p.1.



HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 7, novembro de 1997

MAGALHÃES JÚNIOR, R.. **Antologia de humorismo e sátira**. Rio de Janeiro: Bloch, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos do final do século XIX**. São Paulo: Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade**. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1994.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 2ed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1998.

SILVA, Jandira M. da. & CLEMENTE, Elvo & BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. Gênero nos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol. XXII, nº 1, jan/jun 1999, p.163-167.

LOWERY, S.A. & DE FLEUR, M.L. The Agenda-Setting function of press: telling us what to think about. In: **Milestones in mass communication research**. NY: Longman, 1993.

Gazetinha, Porto Alegre, 1895 a 1897.